

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES COM HISTÓRICO DE ABUSO SEXUAL EM
MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE NETNOGRÁFICA**

**TRAYECTORIAS DE MUJERES CON ANTECEDENTES DE ABUSO SEXUAL EN
MOZAMBIQUE: UN ANÁLISIS NETNOGRÁFICO**

**TRAJECTORIES OF WOMEN WITH A HISTORY OF SEXUAL ABUSE IN
MOZAMBIQUE: A NETNOGRAPHIC ANALYSIS**



Daniel Solomone Neves MUAIELA¹
e-mail: danielmuaiela@estudante.ufscar.br



Alex Sandro Gomes PESSOA²
e-mail: alexpessoa@ufscar.br

Como referenciar este artigo:

Muaiela, D. S. N., & Pessoa, A. S. G. (2026). Trajetórias de mulheres com histórico de abuso sexual em Moçambique: uma análise netnográfica. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, 27(esp1), e026025. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21124>



| Submetido em: 29/04/2026
| Revisões requeridas em: 30/06/2026
| Aprovado em: 12/05/2026
| Publicado em: 10/09/2026

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos – São Paulo (SP) – Brasil. Doutorando em Psicologia (UFSCAR). Docente e Pesquisador do Instituto Superior Politécnico de Gaza (ISPG), Chókhwè – Gaza – Moçambique.

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Educação (UNESP). Professor e Pesquisador do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFSCAR).

RESUMO: O estudo analisou as trajetórias de vida de mulheres moçambicanas com histórico de abuso sexual na infância e na adolescência, com base em narrativas audiovisuais publicadas em uma plataforma digital. Adotou-se uma abordagem qualitativa, orientada pela netnografia e pela análise temática. Os achados revelaram que o abuso sexual se configura como um fenômeno contínuo, marcado pela revitimização ao longo da vida, frequentemente perpetrada por pessoas próximas. Evidenciou-se a ambivalência da família e da escola, que atuam simultaneamente como espaços de proteção e de reprodução da violência, da estigmatização e de rupturas relacionais. A vulnerabilidade socioeconômica emergiu como fator estruturante, associando-se à exploração sexual na adolescência e a impactos significativos na saúde mental, incluindo sofrimento psíquico e ideação suicida. Concluiu-se que a violência sexual é estrutural e que seu enfrentamento demanda políticas intersectoriais voltadas à prevenção, à proteção e ao cuidado integral das vítimas, bem como à responsabilização dos autores de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso sexual. Revitimização. Netnografia. Trajetórias. Mulheres moçambicanas.

RESUMEN: Este estudio analizó las trayectorias de vida de mujeres mozambiqueñas con antecedentes de abuso sexual en la infancia y la adolescencia, a partir de narrativas audiovisuales publicadas en una plataforma digital. Se adoptó un enfoque cualitativo, guiado por la netnografía y el análisis temático. Los hallazgos indican que el abuso sexual es un fenómeno continuo, marcado por la revictimización a lo largo del curso de vida y frecuentemente perpetrado por personas cercanas. La familia y la escuela emergen como contextos ambivalentes, funcionando tanto como espacios de protección como de reproducción de violencia, estigmatización y rupturas relacionales. La vulnerabilidad socioeconómica se identificó como un factor estructurante, asociada a la explotación sexual en la adolescencia y a impactos significativos en la salud mental, incluyendo sufrimiento psíquico e ideación suicida. Se concluye que la violencia sexual es estructural y requiere políticas intersectoriales orientadas a la prevención, la protección, la atención integral a las víctimas y la responsabilización de los agresores.

PALABRAS CLAVE: Abuso sexual. Revictimización. Netnografía. Trayectorias. Mujeres mozambiqueñas.

ABSTRACT: This study analyzed the life trajectories of Mozambican women with a history of sexual abuse during childhood and adolescence, based on audiovisual narratives published on a digital platform. A qualitative approach was adopted, guided by netnography and thematic analysis. The findings indicate that sexual abuse is a continuous phenomenon, marked by revictimization throughout the life course and often perpetrated by individuals close to the victims. Family and school contexts emerged as ambivalent, functioning both as spaces of protection and as sites for the reproduction of violence, stigmatization, and relational disruptions. Socioeconomic vulnerability was identified as a structural factor, associated with sexual exploitation during adolescence and significant impacts on mental health, including psychological distress and suicidal ideation. The study concludes that sexual violence is structural and requires intersectoral policies focused on prevention, protection, comprehensive care for victims, and the accountability of perpetrators.

KEYWORDS: Sexual abuse. Revictimization. Netnography. Trajectories. Mozambican women.

INTRODUÇÃO

O abuso sexual contra crianças e adolescentes (ASCA) configura-se como uma grave violação de direitos. Ele abrange um *continuum* de práticas que variam desde interações verbais sexualizadas, carícias e comportamentos voyeurísticos, caracterizados pela observação não consentida de crianças ou adolescentes em situações íntimas, como nudez, banho ou troca de roupas, e exibicionistas, até atos sexuais com contato físico, como sexo oral e penetração. Essas práticas podem ocorrer com ou sem o uso de violência explícita, como no caso do estupro (Souza & Sei, 2019). Estudos indicam que, em grande parte das situações, os agressores fazem parte do círculo de convivência das vítimas, o que tende a dificultar tanto o reconhecimento quanto a denúncia e o encaminhamento adequado dos casos ao poder público (Falcão & Felizola, 2022; Ferraz et al., 2021; Souza & Sei, 2019).

De acordo com a ActionAid (2008), organização internacional voltada ao enfrentamento da pobreza, das desigualdades sociais e das violações de direitos humanos, especialmente de mulheres e crianças, a ocorrência e a perpetuação do abuso sexual estão associadas a múltiplos fatores de risco. Entre eles, destacam-se o fato de crianças e adolescentes ainda estarem em processo de desenvolvimento, o que limita sua capacidade de defesa diante de situações abusivas; condições de pobreza e vulnerabilidade econômica; contextos familiares fragilizados; a deterioração de valores éticos por parte dos agressores; além de crenças culturais, normas sociais e instituições que legitimam a violência, especialmente contra meninas e mulheres, sustentadas por desigualdades de gênero.

Essa também é uma realidade de Moçambique, uma vez que o ASCA se configura como um fenômeno recorrente e amplamente subnotificado no país. Dados do Ministério da Saúde (MISAU), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e do Instituto Nacional de Saúde (INS) indicam que o fenômeno ocorre predominantemente no contexto intrafamiliar e é, em grande medida, perpetrado por indivíduos pertencentes à rede de confiança da vítima, tais como familiares, cuidadores ou pessoas próximas (MISAU & UNICEF, 2011; INS et al., 2022).

Evidências empíricas e dados institucionais indicam maior vulnerabilidade de meninas em idade escolar. Além disso, apontam para impactos profundos e duradouros nas trajetórias de desenvolvimento, manifestados em gravidez precoce, abandono escolar, sofrimento psíquico, estigmatização social e maior exposição a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), com destaque para o vírus da imunodeficiência humana (HIV) (ActionAid, 2005; MISAU & UNICEF, 2011; Muatendauafa et al., 2023). Ademais, relatórios nacionais evidenciam fragilidades persistentes nos mecanismos de detecção, notificação e

encaminhamento dos casos, associadas a limitações institucionais, insuficiência de serviços especializados e à permanência de normas socioculturais que naturalizam a violência, silenciam as vítimas e favorecem processos de culpabilização (ActionAid, 2008; Fórum Mulher & UNFPA, 2011).

Dada a complexidade do abuso sexual contra crianças e adolescentes, torna-se fundamental o envolvimento de diferentes áreas do conhecimento, incluindo a Psicologia, na compreensão dos fatores que sustentam sua perpetuação e na identificação de elementos protetivos capazes de reduzir a vulnerabilidade de crianças e adolescentes. Nesse contexto, a produção de evidências científicas mostra-se essencial para subsidiar políticas públicas intersectoriais voltadas à prevenção da violência, à promoção de ambientes seguros e ao cuidado integral das vítimas.

Considerando a escassez de investigações empíricas sobre o abuso sexual no contexto moçambicano, o presente estudo teve como objetivo analisar as trajetórias de vida de mulheres adultas com histórico de abuso sexual na infância, focalizando os contextos de ocorrência da violência, seus desdobramentos psicossociais ao longo do curso de vida e os mecanismos de vulnerabilidade e proteção presentes em suas narrativas.

MÉTODO

Delineamento

A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, de delineamento retrospectivo e orientada pela estratégia de estudos de casos múltiplos (Carneiro, 2018). Nesse contexto, adotou-se o método netnográfico, conforme proposto por Kozinets (2014), como procedimento de investigação. O estudo concentrou-se na análise de dados arquivais de acesso público em ambientes digitais, tratados como casos empíricos.

A netnografia configura-se como uma abordagem metodológica adequada ao estudo de interações em ambientes digitais, combinando eficiência e potencial analítico (Pessoa et al., 2026). Trata-se de um método menos dispendioso e menos invasivo, baseado em dados já disponíveis, como interações e registros produzidos espontaneamente pelos participantes, o que possibilita a observação de narrativas em contextos naturais de compartilhamento, sem interferência direta do pesquisador (Kozinets, 2014). Além disso, a natureza digital desses ambientes amplia as possibilidades analíticas ao oferecer múltiplas perspectivas sobre um

mesmo fenômeno (Boyd, 2017). A recorrência e a diversidade de conteúdos favorecem a apreensão de dimensões sociais, subjetivas e intersubjetivas (Soares & Stengel, 2021). Nesse sentido, sua adoção neste estudo justifica-se pela possibilidade de acessar e analisar narrativas sobre experiências de abuso sexual que foram compartilhadas em ambientes digitais, compreendidos como espaços de expressão, comunicação e construção de sentidos (Pessoa et al., 2026).

Corpus de análise

O corpus de análise foi constituído por vídeos públicos publicados de forma espontânea na plataforma YouTube, no canal NOSSO WAY Podcast, nos quais mulheres narram, em primeira pessoa, experiências de violência sexual e seus desdobramentos psicossociais. Os materiais analisados configuram-se como dados audiovisuais arquivais, produzidos originalmente para circulação pública no ambiente digital, sem finalidade de pesquisa.

Foram adotados como critérios de inclusão: vídeos de acesso público; relatos autorreferidos de mulheres adultas sobre abuso sexual na infância e/ou adolescência; e densidade narrativa suficiente para análise qualitativa, com descrição das experiências e de seus significados e repercussões. Consideraram-se vídeos publicados em 2025, a fim de assegurar a atualidade dos dados.

Foram identificados 53 vídeos no canal durante o processo de busca. Desses, três foram considerados elegíveis por atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos, enquanto 50 foram excluídos por não apresentarem relatos autorreferidos de abuso sexual, densidade narrativa suficiente ou relação direta com os objetivos do estudo. A seleção final correspondeu à totalidade dos vídeos elegíveis disponíveis no canal, configurando um corpus exaustivo no âmbito do recorte empírico delimitado. Assim, sua constituição fundamentou-se na disponibilidade dos dados e na delimitação do campo empírico digital, e não em critérios de saturação teórica.

A escolha do canal justifica-se por sua abordagem direta da temática do abuso sexual e por constituir, no mapeamento exploratório, a única fonte com narrativas sistemáticas sobre o tema no país. Os vídeos foram assistidos integralmente e transcritos, preservando-se as marcas discursivas. As participantes foram identificadas por nomes fictícios, e os excertos foram editados com supressões indicadas por reticências, garantindo o anonimato.

Procedimentos e Análise de dados

Inicialmente, realizou-se uma exploração dos conteúdos disponíveis na plataforma para o mapeamento de conteúdos relacionados a relatos de violência sexual. Para tanto, foram utilizadas, na barra de busca da plataforma, as seguintes expressões: “Violência Sexual”; “Abuso Sexual”; “Estupro”. A busca foi realizada por um estudante de doutorado, com nacionalidade moçambicana (primeiro autor deste artigo) e contou com a supervisão de um pesquisador brasileiro com experiência no campo da violência sexual e estudos netnográficos (segundo autor).

Os três vídeos elegíveis foram salvos em pastas específicas e, posteriormente, catalogados e organizados em um banco de dados contendo informações como data de publicação, duração e contexto narrativo. As transcrições passaram por revisão criteriosa para assegurar fidelidade ao material original, sem correções linguísticas que alterassem o sentido das falas. Durante todo o processo, foram observados cuidados éticos específicos para pesquisas em ambientes digitais (como sugerido por Pessoa et al., 2026), incluindo a não interação com as participantes, a não divulgação de informações que possibilitassem sua identificação e a adoção de postura reflexiva diante da análise de conteúdos sensíveis.

Os dados foram analisados por meio da Análise Temática, conforme o referencial de Braun e Clarke (2006) e Liebenberg et al. (2020), com adaptações decorrentes das especificidades da análise qualitativa de narrativas audiovisuais produzidas e compartilhadas em ambientes digitais. Essa abordagem possibilitou identificar, analisar e interpretar padrões de sentido relacionados às trajetórias de mulheres com histórico de abuso sexual na infância e/ou adolescência.

Sumariamente, a análise seguiu seis etapas: (i) familiarização com os dados, mediante leitura flutuante e exaustiva das transcrições; (ii) geração de códigos iniciais, de forma sistemática e orientada pelo foco analítico do estudo; (iii) busca por temas, a partir do agrupamento de códigos semanticamente afins; (iv) revisão dos temas, considerando coerência interna e relevância analítica; (v) definição e nomeação dos temas; e (vi) elaboração do relatório final, articulando os achados empíricos ao referencial teórico de Braun e Clarke (2006). Os excertos apresentados neste artigo foram selecionados por sua capacidade de ilustrar os núcleos de sentido identificados, respeitando princípios éticos e preservando a integridade semântica das narrativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de tratamento dos resultados, duas temáticas emergiram relacionadas com os objetivos do estudo: (i) Trajetórias de abuso sexual e revitimização ao longo da vida; (ii) Ambivalência das redes de cuidado, vulnerabilidade socioeconômica e impactos psicossociais. Antes da apresentação dos resultados decorrentes da organização temática dos dados empíricos, optou-se por expor uma síntese das narrativas das participantes. Essa estratégia visa situar o leitor no contexto de vida dessas mulheres, oferecendo uma compreensão mais ampla das experiências relatadas. Ademais, buscou-se evidenciar tanto as especificidades quanto as similaridades que atravessam os três casos analisados, contribuindo para uma leitura mais contextualizada e analiticamente consistente dos achados.

Caso 1: Zuri, 22 anos

A história de Zuri apresenta um caso emblemático de violência sexual, vulnerabilidade e busca de superação no contexto moçambicano. Zuri foi vítima de abuso sexual pela primeira vez aos 12 anos, em um beco escuro, por dois jovens que a ameaçaram com uma garrafa quebrada, e, em seguida, sofreu nova tentativa de violação por um homem que se aproximou com a intenção inicial de socorrê-la. A partir dos 14 anos, diante da extrema pobreza e da falta de apoio familiar, passou a ser explorada sexualmente, relatando que essa foi a estratégia que encontrou para sobreviver e ajudar sua família. Ao longo da adolescência, engravidou, vivenciou experiências de abandono, humilhações e graves dificuldades materiais. Afirma ter enfrentado sintomas psicológicos severos, como episódios de depressão, insônia e tentativas de suicídio. Atualmente, depende da ajuda da mãe e de “biscates [bicos]” para sobreviver. Sonha em ter um pequeno negócio que lhe permita garantir um futuro melhor para si e para a filha.

Caso 2: Aminata, 25 anos

A história de Aminata apresenta uma trajetória marcada por dor e superação, revelando o impacto profundo do abuso sexual e das dificuldades familiares na infância. Aminata cresceu em uma família alargada, vivendo com os avós, o pai e tios em um mesmo quintal, onde teve uma infância inicialmente feliz (de acordo com seus relatos), apesar do abandono materno desde o nascimento. Sua vida foi profundamente afetada pela presença de um pai alcoolista e violento que, a partir dos 11 anos, passou a abusar sexualmente dela e de sua irmã mais velha, por vários

anos, sob ameaças e imposição de silêncio. O abuso só foi descoberto quando sinais de violência física e psicológica se tornaram evidentes, levando à denúncia feita por uma professora e à prisão do pai. Após o julgamento, Aminata foi acolhida pelos avós, que passaram a exercer a parentalidade, enquanto sua irmã foi enviada para viver com a mãe, que havia abandonado ambas anteriormente. Com a morte da avó, Aminata enfrentou novos desafios ao viver com uma tia, passando a sofrer violência psicológica e abandonando a escola. Relatou que, à época da gravação do podcast, vivia em sua própria residência, buscando reconstruir a vida e mantendo um relacionamento com apoio. Apesar disso, refletiu sobre as marcas deixadas pela violência e pela ausência familiar.

Caso 3: Imani, idade não declarada

A história de Imani revela uma trajetória marcada por violência sexual, rejeição familiar, adoecimento e superação. Imani foi vítima de tentativa de violência sexual aos 9 anos, em Jangamo (distrito próximo ao litoral do sul da província de Inhambane) e, anos depois, aos 15 anos, foi abusada sexualmente por um professor da sua prima, o que resultou em gravidez. A família não acreditou em sua versão, rejeitou-a e não lhe ofereceu apoio, situação que culminou em agressões físicas e emocionais. Após o parto, enfrentou novas dificuldades, incluindo a rejeição da esposa do homem que a violentou e a ausência de apoio socioemocional. Buscando recomeçar, fugiu para Maputo (capital do país) e, posteriormente, para a África do Sul, onde viveu um relacionamento abusivo e descobriu, simultaneamente, que estava grávida e infectada pelo HIV. A falta de apoio familiar, o medo do julgamento e o sentimento de solidão levaram-na a tentativas de suicídio. Apesar de tudo, Imani conseguiu encontrar forças para seguir em frente e ressignificar sua história, chegando inclusive a relatar que perdoou o parceiro com quem viveu o relacionamento abusivo, ainda que não tenha retomado essa relação. Atualmente, ela trabalha e tenta reconstruir sua vida e, em seu relato, enfatiza a importância de que outras mulheres cuidem da própria saúde, prestem atenção às pessoas ao redor e não tolerem traições, alertando para os riscos de se envolver com alguém sem conhecer seu passado.

Trajetórias de abuso sexual e revitimização ao longo da vida

As narrativas evidenciaram que o abuso sexual não se configura como um evento pontual, mas como um processo contínuo, marcado pela repetição da violência ao longo de diferentes fases da vida e contextos sociais. Os relatos, parcialmente apresentados na Tabela 1, indicaram trajetórias de revitimização, frequentemente associadas a homens próximos ao convívio das vítimas, como familiares, parceiros, professores e homens da comunidade.

Os episódios de violência iniciaram-se, em muitos casos, na infância e se estenderam pela adolescência e vida adulta, atravessando diferentes relações e contextos. A recorrência dessas experiências foi associada à ausência de respostas protetivas efetivas e à permanência das vítimas em ambientes marcados por vulnerabilidade. As trajetórias analisadas evidenciaram ainda a continuidade da violência em relações afetivo-sexuais, incluindo situações de exploração, controle e humilhação.

Tabela 1.*Trajetórias de abuso sexual e revitimização ao longo da vida*

Excertos
<i>“A minha história começa quando eu tinha 12 anos. [...] Deparamo-nos com dois jovens. [...] Arrastaram-me para um beco muito escuro. [...] Aí houve a violação. [...] Um senhor aproveitou a minha vulnerabilidade por estar sozinha, levou-me para casa dele e tentou violar-me de novo.” (Zuri)</i>
<i>“Aos 14 anos, por influência das amigas: namorava, davam-me dinheiro para caprichos. Depois virou necessidade, para ajudar em casa.” (Zuri)</i>
<i>“Tive a gravidez com o pai da minha filha [...]. Foi um trauma grande: ele saía sem deixar nada para comer e voltava de noite. [...] Vi um vídeo pornográfico com uma menina de 15 anos [...] e ele disse: ‘Foi o que procuraste? Ainda não viste nada, vais ver o pior.’ (Zuri)</i>
<i>“Aos meus 11 anos, eu dormia com o meu pai e a minha irmã na mesma casa. [...] Sempre que ele voltava, ele abusava de mim sexualmente desde os meus 11 anos. [...] Foram coisas de anos, durou por aí dois a três anos. [...] Isso acontecia na base de ameaças.” (Aminata)</i>
<i>“Na escola também era difícil. Muitos sabiam do que aconteceu. Uma colega perguntou na roda de amigos se era verdade que meu pai dormiu comigo. Todos riram. [...] De outras turmas apontavam: ‘É ela’. [...]” (Aminata)</i>
<i>“A minha história começa quando eu tinha apenas 9 anos. [...] Eu sofri atentado de violação sexual, onde um rapaz do bairro tentava me perseguir já há tempo. [...] Tentou me agredir e nesse dia não conseguiu.” (Imani)</i>

“Ser violada uma vez é uma coisa, imagina por duas vezes [...]!” (Imani)

“Desde isso, a minha família ficou contra mim. [...] Levei porrada com o meu primo [...] eu com gravidez [...]. Ninguém quis seguir, procurar saber de verdade o que aconteceu e confrontar aquele homem.” (Imani)

Nota. Elaborado pelos autores.

A recorrência da violência sexual praticada por homens pertencentes ao convívio cotidiano das vítimas corrobora estudos que apontam para sua naturalização em contextos marcados por desigualdades de gênero, idade e poder (Cardin et al., 2025; Vieira et al., 2021). Tais dinâmicas se inserem em estruturas sociais adultocêntricas e patriarcais, nas quais assimetrias de gênero e geração podem favorecer a reprodução de relações violentas nos âmbitos familiar e social (Ferraz et al., 2021; Marchi, 2011).

Os relatos analisados indicam que os episódios tendem a se acumular ao longo do tempo, produzindo impactos significativos na subjetividade e nas trajetórias de vida das participantes (Lira et al., 2017; Pessoa et al., 2024). A revitimização mostrou-se associada à fragilidade das redes de proteção e à internalização de posições de subalternidade feminina, ampliando a exposição a novas situações de violência. Nesse sentido, o abuso sexual frequentemente não ocorre de forma isolada, podendo prolongar-se por anos e manifestar-se em diferentes contextos (Landini, 2011). Os achados reforçam, assim, sua compreensão como um fenômeno relacional e socialmente produzido, associado a modelos de masculinidade vinculados ao exercício de poder e à violência (Dell’Aglia et al., 2011; Faleiros & Faleiros, 2008; Ferraz et al., 2021).

Ambivalência das redes de cuidado, vulnerabilidade socioeconômica e impactos psicossociais

As narrativas desta temática evidenciaram que família, escola e condições socioeconômicas se articulam na produção de trajetórias marcadas por ambivalência, nas quais proteção e risco coexistem com processos de revitimização e produzem sofrimento psíquico. A família foi descrita como um espaço paradoxal, no qual experiências de cuidado convivem com situações de violência e omissão. Enquanto figuras como avós, irmãs e tios assumiram funções protetivas, pais e outros responsáveis foram frequentemente associados a episódios de abuso sexual, negligência e culpabilização das vítimas.

A escola também se apresentou como contexto ambivalente. Em alguns casos, atuou como espaço de proteção, especialmente na identificação de sinais de violência e no encaminhamento para redes formais de denúncia. Em outros, configurou-se como espaço de revitimização, marcado por estigmatização, humilhações, *bullying* e exclusão. As trajetórias escolares foram frequentemente interrompidas em decorrência de violência, pobreza, gravidez e perdas familiares, comprometendo a continuidade dos estudos.

A pobreza emergiu como elemento transversal às narrativas, operando como condição estruturante da vulnerabilidade. A escassez de recursos e a insegurança alimentar restringiram as possibilidades de escolha das participantes, conduzindo, em contextos extremos, à exploração sexual e a relações sexuais transacionais como estratégias de sobrevivência.

Os relatos também evidenciaram impactos significativos na saúde mental e na relação com o próprio corpo. Foram identificados sentimentos persistentes de vergonha, nojo, culpa e desvalorização, associados a sintomas de depressão, ansiedade, automutilação e tentativas de suicídio. O corpo emergiu como espaço de inscrição da violência, com repercussões negativas na autoestima, na autoimagem e na capacidade de projetar o futuro.

Essa ambivalência, bem como as condições de vulnerabilidade e os impactos psicossociais, encontram-se sintetizados na Tabela 2.

Tabela 2.

Ambivalência das redes de cuidado, vulnerabilidade socioeconômica e impactos psicossociais

	Excertos
Família	<i>“A minha mãe dava tudo dela, mas eu escondia o que se passava. [...] Vivemos a sobreviver dia a dia. Há dias em que só conseguíamos algo para a menina comer. Tomávamos chá, que ela adora, e ficávamos felizes com pão, mas por dentro chorávamos porque nem sempre tínhamos algo para comer.” (Zuri)</i>
	<i>“Fui abandonada pela minha mãe desde que nasci. Meus avós foram meus verdadeiros pais, meus heróis durante a infância. [...] Todas as manhãs íamos para a machamba dos meus avós. [...] Não era uma tortura. Acho que foi a melhor fase da minha vida. Eu tive um pai apenas de nome. Não sei exatamente o que é receber carinho ou apoio de um pai. [...] Todo mundo tinha medo dele. Era alguém de temperamento muito agressivo, e qualquer coisa era motivo para apanhar.” (Aminata)</i>
	<i>“Quando se descobriu a gravidez, a minha família ficou contra mim. Em vez de me apoiar, eles ficaram me julgando, como eu já previa. [...] Levei porrada com o meu primo, porrada que fiquei</i>

	<i>mal e fiquei a sangrar eu com gravidez, naquilo de que ninguém queria entender o que eu estava dizendo.” (Imani)</i> <i>“Graças a uma professora [...], ela viu o tempo passar e percebeu que os meus familiares não faziam nada. Ela meteu uma queixa. [...] Depois de alguns dias, vieram polícias para buscar meu pai.” (Aminata)</i> <i>“Uma colega perguntou [...] se era verdade que meu pai dormiu comigo. Todos riram’.” (Aminata)</i> <i>“A professora percebeu que não estava bem. [...] Mandou-me sair pra conversar. Todos os professores sabiam, acompanharam minha situação. Tomaram-se medidas contra a turma...” (Aminata)</i> <i>“Colegas de outras turmas apontavam: ‘É ela’. Fiquei pra baixo, perdi vontade de ir à escola. Depois da oitava classe, parei.” (Aminata)</i> <i>“Entrei na residência dos professores. [...] Ele me empurrou naquela casinha, fechou a porta e me empurrou na cama. [...] Tentei fazer força e gritar, mas na escola não tinha mais outras pessoas [...] ninguém me ouviu. E aconteceu que aquele senhor conseguiu violar-me e fiquei grávida naquela violação.” Imani</i> <i>“Aos 14 anos, conheci as minhas amigas, com quem me dava muito bem. [...] Mas continuei, porque em casa passávamos grandes necessidades, até para comer era problema. [...] Comecei a namorar em troca de dinheiro. [...] Fiquei nisso de namorar para me darem dinheiro. Às vezes, o meu pai dava-me algum dinheiro, mas eu usava para as minhas coisas na escola, como fichas e provas que custavam cerca de 300 a 400 meticais por semana [...] Carrego esta dor, sinto vergonha do meu corpo. Tenho medo de deixar a filha com pessoas, temo que lhe aconteça o mesmo [...] sentia-me suja, tomava banhos a esfregar o corpo para tirar o cheiro das violações sexuais. Até no rio, fui para lavar o nojo [...] A vida mudou desde os 12 anos. Tornei-me muito fechada, sem amigos. Vivo dentro de casa, só saio para coisas necessárias ou à noite para apanhar ar fresco. [...] Sinto-me deprimida, tenho insónia, fico no telemóvel a tentar esquecer. [...] Tentei suicídio várias vezes por causa dos traumas e do que fazia sem opção: comprava veneno de rato, mas parava por causa da mãe; cortei pulsos com faca, mas só um risco pequeno, lembrei dela sem mim.” (Zuri)</i> <i>“Desde que sofri violações sexuais, não me sinto uma jovem comum. Algo mudou dentro de mim. Tá difícil aceitar-me como sou. De lá para cá, nunca mais fui a mesma.” (Aminata)</i> <i>“No mesmo dia que descobri que estava grávida, descobri também que estava com HIV. [...] Pensei, tipo, a minha vida acabou e desde lá para cá nunca consegui aceitar essa condição. [...] Eu sinto-me</i>
Escola	
Vulnerabilidade socioeconômica e impactos psicossociais	

suja, eu sinto-me uma pessoa que não vale nada, que só sirvo como fantoche sexual de homens
[...] Às vezes, no início, eu nem medicava, do tipo, é melhor eu morrer, tanto que já tentei ingerir uma garrafa inteira de medicamentos para eu morrer, porque para mim é do tipo, a vida acabou, não tem como conviver.” (Imani)

Nota. Elaborado pelos autores.

Os resultados indicaram a família como um contexto simultaneamente protetivo e produtor de risco, corroborando estudos que destacam a ambivalência das práticas parentais nos processos de vitimização sexual (Monge et al., 2021; Pessoa et al., 2024). Enquanto práticas de cuidado e monitoramento podem reduzir riscos, experiências de negligência, violência e culpabilização contribuem para a perpetuação da desproteção e da revitimização. Nesse sentido, o estudo evidenciou que as famílias das vítimas se configuraram como um espaço central na produção simultânea de trajetórias de proteção e vulnerabilidade.

De modo semelhante, o contexto escolar revelou-se ambivalente. A literatura indica que vínculos positivos com professores, bom desempenho acadêmico e continuidade escolar podem atuar como fatores de proteção e promover resiliência (Marriott et al., 2014; Pessoa et al., 2017). No entanto, quando a escola falha em reconhecer as necessidades específicas de crianças e adolescentes vítimas de abuso ou reproduz práticas excludentes, tende a operar como espaço de risco. A presença de estigmatização, *bullying* e relações institucionais rígidas pode intensificar o sofrimento e produzir novas formas de adversidade (Demenech et al., 2021; Pessoa et al., 2017).

Além disso, os resultados reforçam que a pobreza não atua apenas como contexto, mas como condição estruturante da vulnerabilidade. Em consonância com Pessoa et al. (2024), a exploração sexual emerge, nesses cenários, como resposta a privações materiais, sendo mediada por relações assimétricas de poder. Tal dinâmica deve ser compreendida como expressão de desigualdades estruturais de gênero e classe, e não de interpretações individualizantes ou moralizantes (Lira et al., 2017; Vega & Paludo, 2015). Adicionalmente, a análise integrada de dados empíricos indica que a experiência de abuso sexual na infância está associada a um aumento da suscetibilidade à vitimização por exploração sexual na adolescência (De Vries & Goggin, 2020), sugerindo a presença de um *continuum* de vulnerabilidade ao longo do desenvolvimento.

Os impactos psicossociais identificados, incluindo sofrimento psíquico intenso e ideação suicida, corroboram evidências de que o abuso sexual na infância está associado a

agravos à saúde mental e social (Antonichen & Karas, 2025; Cruz et al., 2021; Nogueira, 2022; Silva, 2024). Esses efeitos extrapolam o plano individual e configuram o abuso sexual como problema de saúde pública e de direitos humanos.

Diante disso, os achados apontam para a necessidade de intervenções clínicas e psicossociais integradas, orientadas por escuta qualificada e por princípios éticos de cuidado, bem como para o fortalecimento de políticas públicas intersetoriais. Tais respostas devem contemplar não apenas a reparação de danos individuais, mas também o enfrentamento das condições estruturais que sustentam a violência sexual contra crianças e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender, a partir de uma abordagem netnográfica, as trajetórias de mulheres que narraram publicamente experiências de abuso sexual vivenciadas na infância e/ou adolescência, com ênfase em seus desdobramentos psicossociais ao longo do curso de vida. Os resultados evidenciam que o abuso sexual se configura como um fenômeno estrutural, reiterado e atravessado por desigualdades de gênero, geração e classe social, sustentado por contextos persistentes de desproteção familiar e escolar. As narrativas analisadas indicam que tais experiências se articulam a trajetórias marcadas por revitimização, precariedade socioeconômica, rupturas educacionais e sofrimento psíquico, comprometendo processos de subjetivação, vínculos sociais e projetos de vida.

No âmbito das políticas públicas e do trabalho em rede intersetorial, os resultados reforçam a necessidade de respostas integradas entre os setores da saúde, assistência social, educação e justiça, voltadas tanto à prevenção quanto ao cuidado integral. Evidencia-se que a fragmentação institucional, associada às desigualdades socioeconômicas, limita o acesso à proteção e à continuidade do cuidado, indicando a importância de estratégias articuladas que considerem as múltiplas dimensões da violência e seus efeitos ao longo da vida.

As implicações para a prática profissional apontam para a adoção de abordagens sensíveis ao trauma, comprometidas com a escuta qualificada, o fortalecimento de vínculos protetivos e o reconhecimento das vulnerabilidades sociais que atravessam essas trajetórias. Ademais, o estudo destaca o potencial dos ambientes digitais como espaços contemporâneos de denúncia, memória e elaboração de experiências traumáticas, ampliando as possibilidades de compreensão e visibilidade da violência. Embora os resultados não sejam generalizáveis, a

pesquisa contribui para o aprofundamento do debate sobre os impactos psicossociais do abuso sexual e para o fortalecimento de práticas profissionais e políticas públicas orientadas pela proteção integral e pelos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- ActionAid. (2005). *Pesquisa sobre a violência contra a rapariga na educação*. Ngira.
- ActionAid. (2008). *Manual de campanha: Não ao abuso sexual contra a rapariga na educação*. ActionAid.
- Antonichen, A. C. B., & Karas, L. (2025). Impactos da revitimização do abuso sexual infantil no desenvolvimento psicológico de crianças de 6 a 12 anos: Uma abordagem crítica. *Ciências da Saúde*, 29(150). <https://doi.org/10.69849/revistaft/ma10202509221825>
- boyd, d. (2017). Entendendo a vida adolescente: Estratégias para coleta de dados etnográficos em uma era conectada. In N. L. Lima, M. Stengel, M. R. Nobre, & V. C. Dias (Orgs.), *Juventude e cultura digital: Diálogos interdisciplinares* (pp. 107–134). Artesã.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cardin, A. G., Assis, I. S., Souto, C. H., Ninei, O. K., Freire, M. H. S., & Arcoverde, M. A. M. (2025). Análise da violência sexual contra crianças e adolescentes na região Sul do Brasil (2017–2022): Estudo ecológico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 30(10), e09582025. <https://doi.org/10.1590/1413-812320253010.09582025>
- Carneiro, C. (2018). O estudo de casos múltiplos: Estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. *Psicologia USP*, 29(2), 314–321. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170151>
- Cruz, M. A. da, Gomes, N. P., Campos, L. M., Estrela, F. M., Whitaker, M. C. O., & Lírio, J. G. dos S. (2021). Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: Revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(4), 1369–1380. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019>
- de Vries, I., & Goggin, K. E. (2020). The impact of childhood abuse on the commercial sexual exploitation of youth: A systematic review and meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(5), 886–903. <https://doi.org/10.1177/1524838018801332>
- Dell’Aglia, D. D., Moura, A., & Santos, S. S. dos. (2011). Atendimento a mães de vítimas de abuso sexual e abusadores: Considerações teóricas e práticas. *Psicologia Clínica*, 23(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-56652011000200005>
- Demenech, L. M., Paludo, S. S., Silva, P. S., Paiva, A. M. N., Fontes, F., & Neiva-Silva, L. (2021). Exploração sexual de crianças e adolescentes em situação de rua no Sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(11), 5701–5710. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.31052020>
- Falcão, V. S., & Felizola, M. B. (2022). Abuso sexual intrafamiliar sob a perspectiva da proteção integral da criança e do adolescente: Quando quem tem o dever de cuidar não cuida. *Revista Acadêmica Escola Superior do Ministério Público do Ceará*, 14(2). <https://doi.org/10.54275/raesmpce.v14i02.233>

- Faleiros, V. P., & Faleiros, E. S. (2008). *Escola que protege: Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes* (2ª ed.). Ministério da Educação.
- Ferraz, M. M. P., Xavier, M. M., & Cabral, V. I. R. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: Análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Desidades*, 9(29), 134–150.
- Fórum Mulher, & Fundo de População das Nações Unidas. (2011). *Violência sexual: Basta de silêncio!*
- Instituto Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Ministério do Género, Criança e Ação Social, Instituto Nacional de Estatística, & Centers for Disease Control and Prevention. (2022). *Inquérito sobre violência contra crianças e jovens em Moçambique (InVIC 2019)*.
- Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Penso.
- Landini, T. S. (2011). *O professor diante da violência sexual*. Cortez.
- Liebenberg, L., Jamal, A., & Ikeda, J. (2020). Extending youth voices in a participatory thematic analysis approach. *International Journal of Qualitative Methods*, 19, 1–13. <https://doi.org/10.1177/1609406920934614>
- Lira, M. O. S. C., Rodrigues, V. P., Rodrigues, A. D., Couto, T. M., Gomes, N. P., & Diniz, N. M. F. (2017). Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 26(3), e0080016. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000080016>
- Marchi, R. D. C. (2011). Gênero, infância e relações de poder: Interrogações epistemológicas. *Cadernos Pagu*, 37, 387–406. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200016>
- Marriott, C., Hamilton-Giachritsis, C., & Harrop, C. (2014). Factors promoting resilience following child sexual abuse: A structured narrative review. *Child Abuse Review*, 23(1), 17–34.
- Ministério da Saúde (Moçambique), & Fundo das Nações Unidas para a Infância. (2011). *Violência e abuso sexual de crianças em Moçambique*.
- Monge, A. B., Silva, F. C. da, Landi, C. A., Suzuki, D. C., & Vitalle, M. S. de S. (2021). Violência sexual intrafamiliar: Revelação, redução de danos e prevenção. *Research, Society and Development*, 10(16), e414101624121. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i16.24121>
- Muatendauafa, A. S. R., Jibissone, S. V. E., António, A. J. C., Chacanza, S. C., Jairoce, E. B. A., & Sabonete, A. P. (2023). A problemática de assédio sexual das alunas no meio escolar: Estudo de caso da Escola Secundária de Mutarara em Moçambique (2014–2019). *RECIMA21: Revista Científica Multidisciplinar*, 4(12), e4124676. <https://doi.org/10.47820/recima21.v4i12.4676>
- Nogueira, T. R. (2022). O impacto do abuso sexual na vida profissional e financeira das vítimas. *Revista Brasileira de Direitos Humanos*, 14(3), 215–230.

- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., Noltemeyer, A., & Bottrell, D. (2017). Resilience processes within the school context. *Educação em Revista*, 33, e157785. <https://doi.org/10.1590/0102-4698157785>
- Pessoa, A. S. G., Moreno, C. S., & Guimarães, D. A. (2024). Exploração sexual de adolescentes e processos de resiliência oculta: Um estudo de casos múltiplos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 29, e242907. <https://doi.org/10.69909/1678-4669.20240007>
- Pessoa, A. S. G., Muniz, H. K. M., van Breda, A. D., Amon, K., & Campbell, A. J. (2026). Leveraging the use of publicly available social media posts for sensitive adolescent research: Methodological insights. *International Journal of Qualitative Methods*, 25. <https://doi.org/10.1177/16094069261442337>
- Silva, D. M. da. (2024). Abordagem multidimensional do abuso sexual contra crianças e adolescentes. *Ciências Sociais Aplicadas*, 29(140). <https://doi.org/10.69849/revistaft/pa10202411161033>
- Soares, S. S. D., & Stengel, M. (2021). Netnografia e a pesquisa científica na internet. *Psicologia USP*, 32, e200066. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200066>
- Souza, C. C. C. de, & Sei, M. B. (2019). Abuso sexual de crianças e adolescentes. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 8(15), 1–20.
- Vega, L. B. S., & Paludo, S. S. (2015). Exploração sexual e rede de proteção na perspectiva da vítima. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 47–60.
- Vieira, M. S., Costa, R. G., & Oliveira, S. B. (2021). A invisibilidade da violência contra crianças e adolescentes: Análise cartográfica do fenômeno em município da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. *Serviço Social em Revista*, 24(1), 349–366. <https://doi.org/10.5433/1679-4842.2021v24n1p349>

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Não se aplica.
- ☐ **Financiamento:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento: Programa CAPES-PROEX-AUXPE Nº 3596/2025 e Processo Nº 88881.185837/2025-01.
- ☐ **Conflitos de interesse:** Os autores declaram não haver conflitos de interesse.
- ☐ **Aprovação ética:** Não se aplica.
- ☐ **Disponibilidade de dados e material:** O estudo utilizou dados de acesso público, disponíveis em plataforma digital, não envolvendo contato direto com participantes.
- ☐ **Contribuições dos autores:** Daniel Solomone Neves Muaiela foi responsável pela: Conceitualização (idealização do estudo, definição de perguntas e objetivos); Análise de dados (interpretação dos resultados e atribuição de significado a partir de quadros teóricos pré-determinados); Metodologia (delineamento metodológico da pesquisa); Escrita (redação do manuscrito original); Revisão (revisão crítica do manuscrito original e aprovação da versão a ser submetida).

Alex Sandro Gomes Pessoa foi responsável pela: Análise de dados (interpretação dos resultados e atribuição de significado a partir de quadros teóricos pré-determinados); Metodologia (delineamento metodológico da pesquisa); Administração do projeto (orientação); Escrita (redação do manuscrito original); Revisão (revisão crítica do manuscrito original e aprovação da versão a ser submetida).

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

